

**Do Desejo** (1992)

À memória de  
Apolonio de Almeida Prado Hilst  
meu pai

## Do Desejo

Quem és? Perguntei ao desejo.  
Respondeu: lava. Depois pó. Depois nada.

## I

Porque há desejo em mim, é tudo cintilância.  
Antes, o cotidiano era um pensar alturas  
Buscando Aquele Outro decantado  
Surdo à minha humana ladradura.  
Visgo e suor, pois nunca se faziam.  
Hoje, de carne e osso, laborioso, lascivo  
Tomas-me o corpo. E que descanso me dás  
Depois das lidas. Sonhei penhascos  
Quando havia o jardim aqui ao lado.  
Pensei subidas onde não havia rastros.  
Extasiada, fodo contigo  
Ao invés de ganir diante do Nada.

## II

Ver-te. Tocar-te. Que fulgor de máscaras.  
Que desenhos e rictus na tua cara  
Como os frisos veementes dos tapetes antigos.  
Que sombrio te tornas se repito  
O sinuoso caminho que persigo: um desejo  
Sem dono, um adorar-te vívido mas livre.  
E que escura me faço se abocanhas de mim  
Palavras e resíduos. Me vêm fomes  
Agonias de grandes espessuras, embaçadas luas  
Facas, tempestade. Ver-te. Tocar-te.  
Cordura.  
Crueldade.

III

Colada à tua boca a minha desordem.  
O meu vasto querer.  
O impossível se fazendo ordem.  
Colada à tua boca, mas descomedida  
Árdua  
Construtor de ilusões examino-te sôfrega  
Como se fosses morrer colado à minha boca.  
Como se fosse nascer  
E tu fosses o dia magnânimo  
Eu te sorvo extremada à luz do amanhecer.

IV

Se eu disser que vi um pássaro  
Sobre o teu sexo, deverias crer?  
E se não for verdade, em nada mudará o Universo.  
Se eu disser que o desejo é Eternidade  
Porque o instante arde interminável  
Deverias crer? E se não for verdade  
Tantos o disseram que talvez possa ser.  
No desejo nos vêm sofomanias, adornos  
Impudência, pejo. E agora digo que há um pássaro  
Voando sobre o Tejo. Por que não posso  
Pontilhar de inocência e poesia

Ossos, sangue, carne, o agora  
E tudo isso em nós que se fará disforme?

V

Existe a noite, e existe o breu.  
Noite é o velado coração de Deus  
Esse que por pudor não mais procuro.  
Breu é quando tu te afastas ou dizes  
Que viajas, e um sol de gelo  
Petrifica-me a cara e desobriga-me  
De fidelidade e de conjura. O desejo  
Esse da carne, a mim não me faz medo.  
Assim como me veio, também não me avassala.  
Sabes por quê? Lutei com Aquele.  
E dele também não fui lacaia.

VI

Aquele Outro não via minha muita amplidão.  
Nada LHE bastava. Nem ígneas cantigas.  
E agora vã, te pareço soberba, magnífica  
E fodes como quem morre a última conquista  
E ardes como desejei arder de santidade.  
(E há luz na tua carne e tu palpitas.)

Ah, porque me vejo vasta e inflexível  
Desejando um desejo vizinhante  
De uma Fome irada e obsessiva?

## VII

Lembra-te que há um querer doloroso  
E de fastio a que chamam de amor.  
E outro de tulipas e de espelhos  
Licencioso, indigno, a que chamam desejo.  
Há o caminhar um descaminho, um arrastar-se  
Em direção aos ventos, aos açoites  
E um único extraordinário turbilhão.  
Porque me queres sempre nos espelhos  
Naquele descaminhar, no pó dos impossíveis  
Se só me quero viva nas tuas veias?

## VIII

Se te ausentas há paredes em mim.  
Friez de ruas duras  
E um desvanecimento trêmulo de avencas.  
Então me amas? te pões a perguntar.  
E eu repito que há paredes, friez  
Há ,olimentos, e nem por isso há chama.  
DESEJO é um Todo lustroso de carícias  
Uma boca sem forma, em Caracol de Fogo.  
DESEJO é uma palavra com a vivez do sangue

E outra com a ferocidade de Um só Amante.  
DESEJO é Outro. Voragem que me habita.

IX

E por que haverias de querer minha alma  
Na tua cama?  
Disse palavras líquidas, deleitosas, ásperas  
Obscenas, porque era assim que gostávamos.  
Mas não menti gozo prazer lascívia  
Nem omiti que a alma está além, buscando  
Aquele Outro. E te repito: por que haverias  
De querer minha alma na tua cama?  
Jubila-te da memória de coitos e acertos.  
Ou tenta-me de novo. Obriga-me.

X

Pulsas como se fossem de carne as borboletas.  
E o que vem a ser isso? perguntas.  
Digo que assim há de começar o meu poema.  
Então te queixas que nunca estou contigo  
Que de improviso lanço versos ao ar  
Ou falo de pinheiros escoceses, aqueles  
Que apetecia a Talleyrand cuidar.  
Ou ainda quando grito ou desfaleço  
Advinhas sorrisos, códigos, conluios  
Dizes que os devo ter nos meus avessos.

Pois pode ser.

Para pensar o Outro, eu deliro ou versejo.

Pensá-LO é gozo. Então não sabes? INCORPÓREO É O DESEJO.